

1.

Introdução

O Cristão do futuro ou será ‘místico’, isto é, pessoa que ‘experimentou’ algo, ou não será cristão¹.

Uma das tarefas mais urgentes da teologia de hoje é mostrar aos cristãos até que ponto são inseparáveis a salvação de cada pessoa singular, a salvação comunitária-social e a salvação do cosmos inteiro.

Nossa investigação na pesquisa desta Tese deseja estabelecer uma correta relação entre teologia e mística, cremos ser uma questão relevante, porque toca o cerne mesmo do pensar teológico e da experiência de Deus.

Na perspectiva dos teólogos europeus Urs Von Balthasar², Karl Rahner³, John Baptist Metz⁴, e do teólogo latino americano Jon Sobrino⁵ percebemos a necessidade primordial de superar a dicotomia existente entre o esforço feito pelos teólogos de dar razões à própria fé e a experiência mística motivadora e animadora do compromisso cristão. Buscar caminhos para essa superação é

¹ RAHNER, K. Espiritualidad antigua y actual In *Escritos de Teologia*, VII, Madri: Taurus, 1967, p. 25. “André Malraux sugeriu que o século XXI seria a era da mística. Karl Rahner previu que o homem do futuro será místico, alguém que experimenta algo, ou não poderá ser religioso. Como dizia Newman, uma fé passiva, de herança familiar, corre o risco de terminar, nas pessoas cultas, em indiferença; nas pessoas simples, em superstição”. BETTO, Frei. Espiritualidade holística. In: SUSIN L.C. *Mysterium Creationis*. Um olhar interdisciplinar sobre o Universo (org). São Paulo: Paulinas, 1999, p. 314.

² Em seu artigo Teología y Espiritualidad, publicado em *Theologie und Spiritulität*, Gregorianum, n. 50, p. 571-459, Urs Von Balthasar faz a seguinte advertência: “não cortemos as asas de uma geração que vive a sensibilidade de descobrir como insuportável a separação entre teologia e mística, entre contemplação e ação, entre Igreja e mundo”.

³ Karl Rahner também percebeu a necessidade de superar a dicotomia entre teologia e mística. Em seu artigo Significado actual de Santo Tomás de Aquino, publicado na obra *Teologia y mundo contemporáneo*, p. 3, refere-se “àquela horrível divisão que se pode observar, na teologia posterior, entre teologia e vida espiritual”. *Apud*. BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*. Uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 381.

⁴ Em sua obra *Las órdenes religiosas*, John Baptist Metz, conhecido promotor da teologia política, refere-se à “mística e à política do seguimento”. METZ, J. B., *Las órdenes religiosas*. Su misión en un futuro próximo como testimonio vivo del seguimento de Cristo. Barcelona: Herder, 1988.

⁵ Cf. SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação: estrutura e conteúdos*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 28; Espiritualidad y seguimento de Jesús. In: ELLACURÍA, I. – SOBRINO, J. (Org). *Mysterium Liberationis*. Concepts fundamentales de la Teología de la Liberación, v. 2, p. 458. “O teólogo salvadoreño propõe um caminho concreto para eliminar as fronteiras entre teologia e mística. Esse caminho concebe a experiência espiritual como ato primeiro do pensar teológico; e a espiritualidade como dimensão essencial da teologia”. BOMBONATTO, Vera I. *Seguimento de Jesus*. *Op.cit.* p. 381; para uma abrangente reflexão entre a experiência mística, ato primeiro do pensar teológico e a espiritualidade como dimensão essencial da teologia, *Ibid.*, p.382-386.

uma tarefa urgente, que exige não só o empenho dos (as) teólogos (as), mas também a conversão da mente e do coração a um novo modo de fazer teologia e de conceber a experiência espiritual. A teologia como ato teológico, enquanto ato de enunciação que constitui de parte a parte a construção narrativa e argumentativa da identidade do cristão⁶.

Consideramos o fato relevante, hoje em dia, a volta da mística ao campo da reflexão teológica. Até recentemente, a teologia acadêmica não se via devedora e tampouco vinculada a um certo tipo de obras qualificadas, dentro do conjunto da vida eclesial, como espirituais ou piedosas. Nesta categoria estavam incluídos os escritos dos místicos cristãos e, portanto, também de São Francisco de Assis. Essa discriminação tem origem no divórcio ocorrido entre a reflexão teológica e a mística, a partir do século XVII. Tal fato teve conseqüências nefastas, tanto para mística – a qual se viu reduzida em consistência e vigor – como para a teologia, que perde em movimento, beleza e flexibilidade, tornando-se uma teologia doutrinal puramente explicativa e dedutiva.

Na linha de reflexão de Maria Clara Bingemer ainda definimos o momento atual da vida da Igreja como redescoberta, para dentro da reflexão teológica, o direito de cidadania dos grandes textos da mística cristã, que não são simplesmente vulgarização teológica, mas fonte rica e consistente de ensinamento novo e irrepetível, criativo sopro do Espírito na história, que permitem à teologia dizer hoje novas palavras. Nessa categoria incluímos o Cântico das Criaturas de São Francisco, fonte primária da nossa pesquisa, objeto de nosso estudo, na língua original:

Canticum fratris Solis vel Laudes Creaturarum ¹Altissimu omnipotente bon signoretue so le laude a gloria e l'honore et onne benetictione. ²Ad te solo, altissimo, se konfano et nullu homo ene dinu te mentovare. ³Laudato sie, mi signore, cun tucte le tue creature, spetialmente messor lo frate sole, lo qual' è iorno, et allumini noi per loi. ⁴Et ellu è bellu e radiante cun grande splendore, de te, altissimo, porta significatione. ⁵Laudato si, mi signore, per sora luna e le

⁶ Levamos em consideração a enérgica intervenção de Karl Rahner durante o Vaticano II: “Uma reflexão deste tipo teria que refletir tanto sobre a unidade e a diferenciação da única teologia que provém da natureza das coisas como sobre a fisionomia ‘epocal’ que ela representa em nossos dias. O primeiro ponto se estende por si mesmo. O segundo não é menos importante, quando se considera o tempo em que vivemos e como deve ser a teologia, se ela quiser dar uma resposta ao teólogo como homem da atualidade, no contexto de uma fé que se vê profundamente contestada” K. RAHNER. *Apud*. METTE, N. Aprender Teologia. O Estudo da Teologia em visão didática. In: *Concilium*. 256 (1994), p. 150.

stelle, in celu l'ài formate clarite et pretiose et belle. ⁶Laudato si, mi signore, per frate vento, et per aere et nubilo et sereno et onne tempo, per lo quale a le tue creature dai sustentamento. ⁷Laudato si, mi signore, per sor aqua, la quale è multo utili et numilde et pretiosa et casta. ⁸Laudato si, mi signore, per frate focu, per lo quale enn'allumini la nocte, ed ello è bello et iocundo et robustoso et forte. ⁹Laudato si, mi signore, per sora nostra madre terra, la quale ne sustenta et governa, et produce diversi fructi con coloriti flori et herba. ¹⁰Laudato si, mi signore, per quelli ke perdonano per lo tuo amore, et sostengo infirmitate et tribulatione. ¹¹Beati quelli ke 'l sosterrano in pace, ka da te, altissimo, sirano incoronati. ¹²Laudato si, mi signore, per sora nostra morte corporale, da la quale nullu homo vivente pò skappare. ¹³Guai a quelli, ke morrano ne le peccata mortali: beati quelli ke trovarà ne le tue antissime voluntati, ka la morte secunda nol farrà male. ¹⁴Laudate et benedicete mi signore, et rengratiate et serviateli cum grande humilitate⁷.

Segue a tradução portuguesa:

¹Altíssimo, onipotente, bom Senhor, teus são o louvor, a glória e a honra e toda bênção (cf. Ap 4,9.11). ²Somente a ti, ó Altíssimo, eles convêm, e homem algum é digno de mencionar-te. ³Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas (cf. Tb 8, 5-7), especialmente o senhor irmão sol, o qual é dia, e por ele nos ilumina. ⁴E ele é belo e radiante com grande esplendor, de ti, Altíssimo, traz o significado. ⁵Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e pelas estrelas (cf. Sl 148,3) no céu as formaste claras e preciosas e belas. ⁶Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento, e pelo ar e pelas nuvens e pelo sereno e por todo tempo, pelo qual às tuas criaturas dás sustento. ⁷Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água (cf. Sl 148, 4.5), que é muito útil e humilde e preciosa e casta. ⁸Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo (cf. Dn 3,66), pelo qual ilumina a noite (cf. Sl 78(77),14), e ele é belo e agradável e robusto e forte. ⁹Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a mãe terra (cf. Dn 3,74) que nos sustenta e governa e produz diversos frutos com coloridas flores e ervas (cf. Sl 104(103),13.14). ¹⁰Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam (cf. Mt 6,12) pelo teu amor, e suportam enfermidade e tribulação. ¹¹Bem-aventurados aqueles que as suportam em paz porque por ti, Altíssimo, serão coroados. ¹²Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a morte corporal, da qual nenhum homem vivente pode escapar. ¹³Ai daqueles que morrem em pecado mortal: bem-aventurados os que ela encontrar na tua santíssima vontade, porque a morte segunda (cf. Ap 2,11; 20,6) não lhes fará mal. ¹⁴Louvai e bendizei ao meu Senhor (cf. Dn 3,85) e rendei-lhe graças e servi-o com grande humildade⁸.

Abordar esse Escrito do Santo do ponto de vista teológico, da tradição franciscana, interrogá-lo enquanto objeto da teologia mística, permanecendo aberto a sua essencial novidade, é o que procuremos fazer aqui⁹.

¹ Gli Scritti di San Francesco D'Assisi – Nuova edizione critica e versione italiana. Kajetan ESSER, OFM. Padova: Messaggero, 1982, p. 157-158.

⁸ Fontes Franciscanas e Clarianas. Petrópolis: Vozes-FFB, 2004, p. 104-105. Cf. Espelho da Perfeição 120.

⁹ Cf. BINGEMER, M.C.L. *Em tudo amar e servir*. Mística trinitária e práxis cristã em Santo Inácio de Loyola. São Paulo: Loyola, 1990, p. 19.

A experiência dessa linguagem mística de Francisco nos desafia à pesquisa metodológica da sua lógica de amor ao encontro de Deus como Criador, Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor que desencadeia no seu coração o canto do louvor filial que o irmana todas as criaturas¹⁰. Une-se a elas no louvor ao Criador, pela vida, por toda a criação (cf. RNB 23,24). Como epifania de Deus, as criaturas tornam presente a Francisco todos os motivos que tem de louvar ao Senhor e, de fato, une-se – sem nenhum desejo de apropriar-se de alguma – para a festa da louvação ao Senhor, de quem se proclama arauto. A melhor expressão desse consórcio com as criaturas para a louvação está no Cântico.

A hipótese da tese é diagnosticar e apresentar uma mística da fraternidade cósmica, pela tessitura do Cântico das Criaturas. As criaturas, no mundo em fraternidade, nascidas da vontade do Criador, são elas os motivos primários para se chegar, sob a experiência de Francisco, à mística do louvor ao Criador. Reconhecer sua presença criadora e salvadora no cosmos harmônico. Deus Criador que faz nascer o universo e o conserva na solidariedade da sua presença, sob a experiência última vivida por Francisco de Assis, traduzido amorosamente no Cântico.

Desejamos apurar em análise as possibilidades que o Cântico apresenta para compreender e assimilar uma contribuição mística de Francisco para o ser humano de hoje e do futuro.

Nesta perspectiva estaremos refletindo, buscaremos aprofundar, a noção de mística e seus vários contornos, a partir do Cântico à harmonia universal suscitada pela contribuição de Francisco, como projeto divino. Deus cria um cosmos, um universo ordenado. Cada criatura no mundo tem uma natureza, ‘imposta’ por Deus, e o ser humano não pode dispor à sua vontade. Tudo é solidário, interdependente, num conjunto hierarquizado, e se a pessoa humana inverte a hierarquia substituindo o Criador, ocupando seu lugar, o desequilíbrio afeta o conjunto da beleza e bondade do Criador que resplandece no criado.

¹⁰ Em conexão com a compreensão sobre o termo criaturas, neste nosso trabalho, descreve a Lina Boff: “Criatura, nesse contexto explicativo, não só diz respeito ao homem e à mulher, mas a todas as coisas plasmadas pelo Criador do céu e da terra, das coisas visíveis e invisíveis (cf. Cl 1,16)”. BOFF, Lina. *Da esperança à vida plena*. Vivendo as realidades que entrevemos. Juiz de Fora: Editar Editora Associada, 2010, p. 27.

Neste trabalho, portanto unificando nossa pesquisa cremos poder formular: é possível articular a experiência de Francisco, no seu último Cântico, a partir de uma perspectiva mística exemplar, de tal maneira que este texto-conteúdo medieval seja aplicado e assimilado à experiência religiosa contemporânea e mística.

Levantou-se maior desafio. Pesquisar a experiência de Francisco e detectar sua novidade a partir da sua ampla riqueza mística e especificar, ao final da sua vida a sua doutrina mística da fraternidade cósmica. A síntese de sua devoção. A sinopse de um itinerário para Deus onde as criaturas não desviam o olhar e não distraem o ser humano interior. Síntese de um voltar-se para Deus e para as suas criaturas, genuíno, criativo e valoroso desafio.

O Cântico é uma linguagem exemplar e paradigma para a mística cristã. Partimos do conceito da história da mística. Buscamos refletir ‘místicas’ de Francisco, suas múltiplas expressões que gestam o Cântico. E por fim o significado desta sua experiência de fé, à luz da teologia mística, para a vida mística e para a reflexão teológica.

A partir da hipótese apresentada inicialmente, fica evidente que o **objetivo geral** da Tese será apresentar a experiência do último itinerário místico de Francisco, de São Damião (parte inicial do Cântico) à Porciúncula (parte final do Cântico), fruto da ação e condução do mistério trinitário. Desejamos levar em consideração a fonte que possibilita essa travessia: o próprio texto de Francisco, seu Cântico das Criaturas; é nosso objetivo geral apresentar sua natureza histórico-teológico-pessoal, no horizonte existencial da reflexão sistemática de Francisco. Compreender o momento antecedente a criação do texto, uma época marcada pela redescoberta da mística evangélica, a história do texto, e a influência deste momento à experiência mística de Francisco.

Esta fonte primária, de natureza teológica, mística expressão do nascimento ascético, do que não pode ser domesticado, esquecido e desconsiderado, observado na sua mais aguda experiência de fé num Deus pessoa e na proximidade fraterna com todas as criaturas.

Com os **objetivos específicos** estabelecidos, compreender o alcance da fonte mística de Francisco, o Cântico, este objeto da nossa pesquisa e do nosso empenho. Importa compreender a linguagem mística, o conceito do termo

místico como suporte adequado e contextual da mística de Francisco, inserido na tradição cristã. Especificaremos sua vivência mística do mistério de Deus aqui analisado como uma expressão mística autêntica cristã. Sua dinâmica interna, expressão de louvor a partir da Trindade criadora. Especificar o quanto de vestígios do Criador na natureza das criaturas. Articular, por dentro, a fraternidade cósmica universal em sinergia dinâmica com nossa época, para o nosso tempo.

Utilizamos para a **metodologia**, três tipos de fontes franciscanas: a fonte primária: 1. O Cântico das Criaturas, na tradução autorizada pela FFB e outras traduções, à luz do texto original Umbro, representante formal do nosso objeto, objetivando a consideração da mística que se subtrai daí; 2. Os Escritos de Francisco para ampliar o contexto, articular com os textos-fontes, que antecipam no fim da sua vida o nascimento do Cântico; 3. A literatura secundária sobre Francisco, e o nascimento do franciscanismo, sobre o tema da Tese (o Cântico das Criaturas) conservados nas Fontes Franciscanas medievais da hagiografia san-franciscana, uma vez que as fontes primárias são seus próprios Escritos, também consideramos a literatura destes biógrafos testemunhas da época do nascimento do Cântico; 4. Recorremos à abundante bibliografia disponível, estudo críticos intensos autorizados pela Família Franciscana.

Procuramos refletir teologicamente sobre a experiência cristã, por um lado iluminando-a com os princípios primeiros de toda Teologia, expressão indissociável da fé, com a qual, porém não se confundem, dado que nada mais são do que sua expressão, num determinado contexto cultural e histórico. E finalmente, à luz da reflexão latino-americana, colheremos os frutos do percurso efetuado, tentando sistematizar, numa linguagem fiel à tradição mística, compreensível e existencial, a realidade da mística cristã.

Cumpramos, em primeiro lugar, determinar a propósito o horizonte ou o tratado teológico em que a Tese se insere: O tema deste trabalho está inserido em um universo complexo e relacional da teologia mística, através da imersão nesse universo é que se percebe a sua imensidão e, conseqüentemente, a riqueza que a temática da mística de Francisco oportuniza ao fazer teológico, dirigida nossa atenção para o seu Cântico, exemplar mais contundente do pensamento místico de Francisco, paradigma para a mística cristã.

Por diversos caminhos e através de muitos sinais assiste-se a um movimento místico. Em contrapartida percebemos que as respostas dadas pelas ciências, pelo pensamento, pela tecnologia às questões emergenciais da vida, da morte e do sentido humano são insatisfatórias.

Nesse contexto destaca-se uma crescente simpatia e fascínio pela figura de Francisco, *ad intra* e *ad extra* da pertença formal a qualquer igreja e confissão religiosa. O pobre de Assis tornou-se como que uma reserva de sentido para o ser humano, representa para os que lançam nas causas sociais, no empenho por qualidade de vida, na busca por uma mística autenticamente evangélica e na defesa das criaturas um refrigério e grande inspiração. É sentido como uma brisa amena e uma aguda provocação.

O Cântico se apresenta como a síntese da dimensão cósmica da mística de Francisco, a impressão mais forte que o *poverello*¹¹ de Assis deixou e que continua vivíssima até nossos dias. Efetivamente, a sua dimensão mística e cósmica são preeminentes no pensamento, no interesse, na vida, no modo de ser dos seres humanos dos nossos tempos, “segundo Cristo, para louvor do Criador e Redentor” (LG 3).

Este é o texto símbolo que melhor expressa esta mística cósmica¹² de Francisco. O autor, sem muitas teorias, faz saltar as ‘armaduras’ de significações simbólicas que escondem as realidades das coisas criadas ao ser humano medieval e se coloca no campo da realidade: o cosmos vale como realidade, pelo que é e não pelo que entendemos em significações adicionais. Como tal, assim como é, é obra de Deus Criador, vestígio de sua Onipotência, campo de sua ação profunda, eficaz, constante.

¹¹ Metonímia, perífrase, laudatório, explicativo aplicados a Francisco de Assis. Pessoa pobre, humilde e boa. O *poverello* de Assis, por antonomásia. São Francisco de Assis. O povo *poverello*, os frades mendicantes de São Francisco de Assis. Cf. *Poverello*, in: VLI, p. 1448.

¹² O termo ‘cosmologia’ pode ter mais de um sentido. Pode referir-se ao discurso teológico sobre o mundo visto como criatura de Deus; ou à reflexão filosófica sobre as categorias de espaço e tempo; ou ainda ao estudo observacional e teórico da estrutura e da evolução do mundo físico; ou, enfim, às ‘cosmovisões’, ou seja, um conjunto de percepções imaginárias sobre o modo como o mundo aparece e nosso lugar dentro dele. Trataremos a primeira perspectiva apresentada, sobre o mundo como criatura de Deus e a experiência mística do nosso lugar dentro dele com todas as criaturas. Cf. Toda a Revista *Conciliium* sobre o tema (teologia e cosmologia) 186 (1983), em especial: BUCHANAN, J., Criação e cosmos: a simbólica da proclamação e da participação, p. 51-60.

Existe um clima de familiaridade entre o símbolo e aquilo que aponta para ele¹³. Não é qualquer coisa que pode indicar, por exemplo, o mundo como uma totalidade, o Mistério de Deus como Criador-Redentor. O símbolo lunar manifesta uma conaturalidade com os ritmos lunares, o devir temporal, a água, o crescimento das plantas, o princípio feminino, a morte e a ressurreição. Analogia, conaturalidade, familiaridade, semelhança... querem suplantar o meramente arbitrário e convencional.

Os sinais matemáticos ou de trânsito trazem em suas entranhas o traço do convencional. Este não é o caso do símbolo, que vive da afinidade com o sugerido. Quer lançar pontes entre o perceptível e o imperceptível, entre o que se diz e o inefável, entre o imanente e o transcendente. Essa ponte traz em seus materiais a ressonância interna com aquilo que significa ou evoca. Não proporciona uma imagem ou retrato do ausente ou indizível, mas sugere, no seu próprio dizer, certa analogia com o simbolizado. É o caso da cruz, em relação a um Deus abaixado e entregue amorosa e incondicionalmente ao ser humano. O símbolo faz aparecer um sentido secreto do irrepresentável, e aí mesmo manifesta sua afinidade.

O Cântico redimensiona e corrige o triunfalismo científico e técnico, e se apresenta síntese da mística de Francisco, símbolo de amor inconfundível com e por toda a criação, amor provado com a vida entregue nas mãos do Criador. Na inigualável contribuição de Sigmund Freud¹⁴ para os comportamentos psicológicos não deixou de citar a importância paradigmática de Francisco:

Talvez São Francisco de Assis tenha sido quem mais longe foi na utilização do amor para beneficiar um sentimento interno de felicidade... essa disposição para

¹³ Bem delineou Carl G. Jung, no artigo ‘Chegando ao inconsciente: “O homem utiliza a palavra escrita ou falada para expressar o que deseja transmitir. Sua linguagem é cheia de símbolos, mas ele também, muitas vezes, faz uso de sinais ou imagens não estritamente descritivos”. JUNG, Carl G., et. al. O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964, p.20, e ainda: “o homem moderno não entende o quanto o seu racionalismo (que lhe destruiu a capacidade para reagir a idéias e símbolos numinosos) o deixou à mercê do ‘submundo’ psíquico. Libertou-se das ‘superstições’ (ou pelo menos pensa tê-lo feito), mas neste processo perdeu seus valores espirituais em escala positivamente alarmante. Suas tradições morais e espirituais desintegraram-se e, por isso, paga agora um alto preço em termos de desorientações e dissociação universais”. Ibid. p. 94.

¹⁴ “Para Freud, Francisco fora, junto com o pastor de sua cidadezinha natal, uma das duas pessoas completamente normais que ele pudera estudar. Assim será Francisco, um dia, quem sabe, proclamado patrono, como já o é da Ecologia, também da Psicanálise. Cantor da natureza, amante dos leprosos, arauto do Grande Rei: tudo isso com a mesma paixão, com a mesma dor e o mesmo sangue”. TONIN, N.J. Itinerário espiritual de São Francisco. In: GS 6(1982), p.438.

o amor universal pela humanidade e pelo mundo representa o ponto mais alto que o homem pode alcançar¹⁵.

O fundador da psicanálise mostra-se profundamente tocado pela personalidade de Francisco que aparece no referido escrito e procurou compreendê-la, aplicando-lhe sua teoria¹⁶. Francisco experimenta a dimensão mística cósmica numa realidade que poderia dizer pré-técnica, ainda não modificada pela ação depredatória do ser humano e ainda não interpretada pela ciência. O realismo direto, que atinge o objeto e não pára nos simbolismos convencionais, marca uma diretriz perene que não está superada.

Ao mesmo tempo obriga salutarmente a redimensionar o convencimento científico e técnico. A natureza das criaturas é mestra e sempre será mestra, tanto mais resplende a sua beleza e atesta a sabedoria de Deus¹⁷, a beleza é um princípio de harmonia, inerente à natureza de cada ser; ela ainda está a dar-nos lições de perfeição, de beleza e de eficácia, mas até quando? O vaidoso e ruidoso triunfalismo de reais dominação e superação da natureza das criaturas são uma tola e absurda ilusão: a natureza é criação de Deus Criador¹⁸. Os problemas que criamos com nossas intervenções pretensiosas, predatórias e apressadas, mas ingênuas, problemas que se refletem nas graves preocupações ecológicas dos nossos dias, nos forçam à humildade, e à mística da fraternidade ecológica.

Bento XVI ressalta com eloqüente questionamento:

Pode porventura ficar indiferente perante as problemáticas que derivam de fenômenos como as alterações climáticas, a desertificação, o deterioramento e a perda de produtividade de vastas áreas agrícolas, a poluição dos rios e dos lençóis de água, a perda da biodiversidade, o aumento de calamidades naturais, o desflorestamento das áreas equatoriais e tropicais? Como descurar o fenômeno crescente dos chamados ‘prófugos ambientais’, ou seja, pessoas que,

¹⁵ Continua no mesmo parágrafo: “Apesar de tudo, uma pequena minoria de pessoas acha-se capacitada, por sua constituição, a encontrar felicidade no caminho do amor” e para o pai da psicanálise São Francisco se encontra entre este seletivo grupo. E ainda afirma: “é difícil compreender como essa civilização pode agir sobre os seus participantes de outro modo senão o de torná-los felizes”. SIGMUND, Freud. O futuro de uma ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931). V. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 106-107.

¹⁶ Cf. ZAVALLONI, R. A personalidade de Francisco de Assis. Estudo psicológico. Petrópolis: Cefepal, 1993, p. 26-27.

¹⁷ “Efetivamente, pela magnificência da beleza das criaturas, pode-se ver racionalmente o Criador delas”: BOAVENTURA, São. Itinerário da Mente para Deus. Braga: PFF, 1986, I,10, p. 73.

¹⁸ Cf. GANOCZY, A., Dieu, l’Homme et la Nature. Théologie, mystique, sciences de la Nature. Paris: Les Éditions du CERF, 1995, p. 86-96: O autor verifica no seu estudo a natureza e criação como sinônimos e estuda profundamente a história da criação, a compreensão da *creatio continua*, ou *concreatio*.

por causa da degradação do ambiente onde vivem, se vêem obrigadas a abandoná-lo – deixando lá muitas vezes também os seus bens – tendo de enfrentar os perigos e as incógnitas de uma deslocação forçada? Como não reagir perante os conflitos, já em ato ou potenciais, relacionados com o acesso aos recursos naturais? Trata-se de um conjunto de questões que têm um impacto profundo no exercício dos direitos humanos, como por exemplo, o direito à vida, à alimentação, à saúde, ao desenvolvimento¹⁹.

A palavra-conceito, norteadora nesta pesquisa é a criação-criaturas. A palavra natureza refere-se ordinariamente ao conjunto dos elementos do universo. Mas Francisco prefere falar de criação. Os dois termos não são sinônimos perfeitos. Não se trata de mera questão verbal. Há uma distinção profunda a fazer. Por natureza entende-se algo apenas objetivo, matéria viva ou inerte capaz de ser explorada, cultivada, desenvolvida, ou mesmo admirada. A natureza evoca o lirismo sentimental dos românticos. Francisco prefere falar de criação, criaturas, para indicar como algo dependente de Deus, seu misterioso Motor. A criação supõe necessariamente um Criador, e além, disso uma evolução que a levará de retorno ao seu Autor.

Ao contemplar a criação, o ser humano reconhece-se como parcela, embora ínfima, dessa mesma criação, e isso permitem comunicar com ela como irmã, cantando-a, celebrando-a e dirigindo-se em nome dela ao Criador. Francisco, além de grande amigo da natureza, é um inspirado cantor da criação.

A distinção necessária entre natureza e criação permitirá aprofundar a estreita relação estabelecida pelo nosso santo entre a criação e o Criador. O seu primeiro biógrafo, Tomás de Celano (c. 1185-1260), já o notara ao escrever:

Tendo pressa de sair deste mundo como de um exílio de peregrinação, este feliz itinerante era auxiliado pelas coisas que estão no mundo (cf. Jo 17,11.16), e realmente não pouco. Usava o mundo como campo de batalha contra os príncipes das trevas (cf. Ef 5,12), mas também o usava, com relação a Deus, como espelho limpidíssimo de sua bondade (Sb 7,26). Em qualquer obra de arte ele exulta o Artífice e atribui ao Criador tudo o que descobre nas coisas criadas. Exulta em todas as obras das mãos do Senhor (cf. Sl 91,5;8,7) e intui, através dos espetáculos do encantamento, a razão e causa que tudo vivifica. Reconhece nas coisas belas aquele que é o mais Belo; todas as coisas boas (cf. Gn 1,31) lhe clamam: “Quem nos fez (cf. Sl 99, 3) é o Melhor”. Por meio dos vestígios impressos nas coisas ele segue o amado (cf. Jó 23,11; Ct 5,17) por toda parte e de todas as coisas faz para si uma escada para se chegar ao trono (cf. Jó 23,3) dele (2Cel 165, 3-6).

¹⁹ BENTO XVI. Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz de 2010. In: *L'Osservatore Romano*. Edição 51 (2010), p. 8.

Nas expressões felizes do santo de Assis, na rígida e bela linguagem do seu biógrafo Tomás de Celano, resplandece o tema que abordaremos nesta tese: a experiência mística de Francisco para com as criaturas e o seu Deus, o Criador. O vocabulário pertence à linguagem da fé: ascender até à causa do universo, contemplar a Beleza absoluta, subir até ao trono de Deus; para Francisco toda a criação é companheira do ser humano a falar-lhe da criação, a entregar-lhe mensagens de Deus. Mais ainda, as criaturas apontam o caminho que permite chegar até ao próprio Deus, fonte da criação e última finalidade da mesma. Nesta perspectiva sanfranciscana, portanto, usaremos o termo criação (criaturas).

A proposta do Cântico é válida e urgente e o será sempre, ‘*o livro das criaturas*’, como afirma São Boaventura²⁰. Contudo, nem por isto se nos permite desconhecer a dimensão da ciência e da técnica. Seria outro tanto ingênuo. Reconheçamos que em si a pesquisa científica nos leva a conhecer melhor e de modo mais profundo a natureza das criaturas e que a técnica nos leva a acomodá-la melhor aos desejos e às aspirações de convivência de todas as criaturas.

Detivemo-nos em duas maneiras de se ler Cântico de Francisco. A primeira considera o teor poético do texto franciscano; atém-se aos elementos elencados, como o irmão sol, as irmãs estrelas, a irmã e mãe terra, o irmão fogo, a irmã água, a irmã morte. Através deles, o místico Francisco ascende para Deus. Neste nível, se insere na corrente dos grandes místicos-poetas, desde os salmos (Sl 8,146) até S. João da Cruz, Santa Teresa d’Ávila e mesmo um Teilhard de Chardin.

Há um outro tipo de leitura que desce a um nível mais profundo e estrutural e sonda o inconsciente arquetípico da consciência mística do poeta-místico. Os elementos cantados conservam sua densidade material, não são alegorizados, mas adquirem para o místico um valor simbólico e expressivo de um estado de alma. Eles formam o veículo pelo qual o poeta quer expressar aquilo que lhe passa no íntimo: a união religioso-cósmica de tudo com Deus. Nestas duas sendas queremos analisar o poema de Francisco.

²⁰ BOAVENTURA, S. *Op. cit.*, I, 14, p. 81,

Analisando o Cântico seremos convocados a renovar a inquietude, seja pelo nosso papel de teólogo, seja pela própria natureza do ser humano, à redescoberta do olhar místico, iluminados pela fé, compreender que com a ciência a técnica as civilizações não criaram um mundo novo e, a descobrir o mundo que Deus fez e convocados à educação dos próprios desejos, sob os necessários cuidados responsáveis pelas criaturas. O ser humano se insere de modo mais profundo e mais válido na obra divina, em cooperação com Deus dinamicamente presente no cosmos, não seus adversários e muito menos demiurgos que o tornam supérfluo.

O místico Francisco canta à obra da criação de Deus, o Criador, a pessoa humana e todas as gerações futuras são também convocadas, provocadas à atitude semelhante, desafiadora a fazer da vida um canto à inteira criação. Um apelo à ampliação do Cântico aos novos e urgentes elementos em estado de morte em denúncia e apelo à inclusão da realidade das criaturas, a duras penas conseguimos interagir à sustentabilidade em direção ao cuidado e preservação, assim os resultados da ciência e da técnica, na diretriz da mística cósmica franciscana, são motivos de louvor de Deus e se integram sem dificuldades na vida com Deus.

Para o santo de Assis a dimensão mística cósmica se insere sem problemas e sem dificuldades, na sua vida com Deus, fruto desta intimidade constante, assim abre o Cântico: “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor, teus são o louvores, a glória e a honra, e toda bênção. Somente a ti, ó Altíssimo, eles convêm, e homem algum é digno de mencionar-te” e na mesma dimensão, em convite evangelizador, conclui: “Louvai e bendizei ao meu Senhor e rendei-lhe graças e servi-o com grande humildade”²¹.

Um dos traços mais característicos da fisionomia espiritual de Francisco é sua discrição, reservado, modesto com respeito as suas experiência místicas, discreto quanto aos segredos dos mistérios de Deus na sua vida, dotado pessoalmente de um reservado ‘pudor’ que o impede colocar a descoberto suas riquezas espirituais, não se sente obrigado a descrever o seu itinerário místico. Isto nos provoca a reconstruir suas experiências internas através do prisma dos

²¹ Cnt 1;14. Ao longo deste trabalho citarei os Escritos de Francisco de Assis seguindo a Edição Crítica FFC – *Fontes Franciscanas e Clarianas*. Petrópolis: Vozes/FFB, 2004, utilizando as mesmas siglas, abreviaturas, divisão e numeração. Da mesma obra tomo, também, as referências às biografias e escritos relativos a Francisco de Assis.

seus ensinamentos, exortações, orações, seus escritos conservados²². É um desafio formar uma idéia exata do seu perfil místico, sua vida interior.

Optando pelo Cântico consideramos a síntese que Francisco realiza naquele momento do final da sua vida. O período é dos mais desafiadores, o Santo se encontra enfraquecido pelas doenças e quase cego. Afastado da direção da fraternidade que fundara e já presente os conflitos que nela surgirão após sua morte. Somos levados a descobrir a mística vivida pelo santo, com a força interna do Cântico, a expressão inigualável da poesia, no momento em que se prepara para receber a irmã morte, volta a buscar na poesia a expressão de toda a sua experiência mística. A marca da sua originalidade, a visão teológica reconhecendo o Deus da criação presente, a oração de louvor, como último salmo ao Deus da vida²³.

Nossa investigação busca compreender, aprofundar a relação entre Deus e as Criaturas, sua ‘presença’ nas criaturas, e compreender, como São Boaventura, levanta a hipótese, a experiência mística de Francisco, contemplação e louvor ao Criador ‘por elas’ e ‘com elas’ e ‘nelas’:

Relativamente ao espelho das coisas sensoriais, é possível contemplar-se a Deus não só por elas, como por vestígios, mas também nelas, enquanto nelas está Deus pela sua ‘essência, potência e presença’. Esta última consideração é mais elevada que a precedente. Daí vem que ela ocupa o segundo lugar, como segundo degrau da contemplação, pelo que devemos ser conduzidos a contemplar a Deus em todas as criaturas, que entram na nossa mente pelos sentidos corporais²⁴.

Os pensamentos são, no limite, verdadeiros somente quando se concretizam nas biografias das pessoas e nos movimentos históricos. Em nossa cultura ocidental a figura de Francisco se transformou em arquétipo de confraternização exemplar com as criaturas, em razão disso, foi proclamado patrono dos ecologistas pelo Papa João Paulo II (veja anexo I).

Na perspectiva do viés hermenêutico proposto por Francisco no Cântico busca-se refletir e avançar às intuições de Francisco aplicando-as, a fim de que formem um novo eixo hermenêutico, a partir do foco proposto para o

²² “Os Escritos do santo de Assis são breves e sua doutrina, simples e clara como a água. Mas os estudos que originou vão tomando proporções sempre maiores a cada ano. Para falar de São Francisco e de sua obra já não basta ser franciscano de espírito. É preciso ser franciscanista” VELASCO, J. M. *A Experiência cristã de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1994, p.112.

²³ Cf. SCHUCKI, O. *La meditacion franciscana*. In. SF 4(1973), p. 41.

²⁴ BOAVENTURA, São. *Op. cit.*, II, 1. p.85.

desenvolvimento deste trabalho, a mística de Francisco como contributo à mística cristã, mais adequada para a reflexão teológica mística no contexto da realidade teológica latino-americana.

Discorrer sobre o Cântico, à mística de Francisco, corrige falsas compreensões associados ao Santo de Assis, que conquista o teólogo a debruçar-se sobre sua obra:

Austero e duro consigo mesmo, piedosamente indulgente e caritativo para com os outros: assim é seu caráter. Um Francisco pachorrento, enlanguescido, derretido, todo leite e mel como alguns imaginam, nunca existiu. Na verdade ele é um *Christi miles fortissimus...* O que fascina é a convergência de duas características aparentemente contraditórias, mas que não se excluem mutuamente: a firmeza na indicação do próprio ideal e a flexibilidade em torná-lo possível nas circunstâncias concretas sem nunca desvirtuar seus elementos constitutivos fundamentais²⁵.

Consciente de que na conclusão, recolhe-se todo o caminho percorrido dentro do foco da investigação e assinala-se a possibilidade de que ainda novas viabilizações são possíveis à leitura do objeto formal, sempre aberto a novas leituras, pois ricamente adornado pela sensibilidade mística de Francisco, sua experiência de Deus Criador.

Assim, a tese é que a experiência mística de Francisco, precisamente no Cântico das Criaturas, oferece a base sobre a qual pode ser fundamentada uma teológica reflexão mística pertinente, relevante aos homens e mulheres que vivem o seguimento de Jesus Cristo, comprometidos, como irmãos e irmãs de todas as criaturas, com o nosso lar visto do alto céu (o irmão sol, a irmã lua, as irmãs estrelas...) e de baixo (a irmã terra, o irmão vento, o irmão fogo...), com o olhar despertado a atitudes fraternas e sororais.

²⁵ ZAVALLONI, R. *Op. cit.*, p. 21-22.